

A GOTINHA NOSSA DE CADA ÁGUA



Texto
Inês Prata
Ilustração
Sérgio Lima

Fortaleza
2025

Esta obra foi produzida para integrar o
Programa de Educação Ambiental do SIGERH-CE.
Os direitos de uso das imagens foram doados
pelo artista plástico Sérgio Lima para esta publicação.

Projeto Gráfico e Ilustrações: **Sérgio Lima**
Texto: **Inês Prata**
Revisão: **Vianney Mesquita**
Bibliotecária Responsável: **Marcia Sampaio**

A333

A Gotinha Nossa de Cada Água / Girão, Inês Prata. il. Lima, João Sérgio Sousa.
2ª Ed. Fortaleza: SRH, 2023.

28 p. il.
ISBN: 978-85-420-1347-4

1. Infantil. 2. Água. 3. Educação Ambiental. I. Prata, Inês. II. Lima, Sérgio III.
Programa de Educação Ambiental do SIGERH-CE, vol 1. 3ª Ed. SRH, 2025.

CDD: 343.8130924

Olá, pessoal!

A água é um dos recursos mais valiosos do planeta e também um dos grandes desafios que enfrentamos. Mas sabem de uma coisa? Vocês, crianças, têm um papel muito importante nessa missão! Aqui no Sistema Integrado de Gestão dos Recursos Hídricos (SIGERH), acreditamos que, com a participação de todos, podemos garantir um futuro onde a água de qualidade chegue a cada pessoa.

Nesta história, a Gotinha vai te guiar por uma jornada incrível pelo ciclo da água e pelo meio ambiente. O livrinho foi feito especialmente para você! Por isso, converse com seus professores, pais e amigos sobre o que aprender por aqui. Sempre que encontrar palavras destacadas, descubra seus significados e explore ainda mais esse universo. Quanto mais você souber, mais poderá ajudar a cuidar da água e do nosso planeta!

Fernando Matos Santana

Secretário dos Recursos Hídricos



Era uma vez uma Gotinha de **água** que ficou pendurada numa folha depois de uma noite de chuva. Ela adorou a brincadeira de cai-não-cai que balançava seu corpo e queria derrubá-la na terra fofa. Que medo!

A vida é tão bela! - pensou. Ela se sentiu maravilhosa, assim líquida, transparente e brilhante, com os primeiros raios de sol passando por ela e se partindo nas cores do arco-íris.

Olhando para si e sua beleza, a gotinha não prestou atenção em mais nada; mas, à medida que o tempo passava, começou a sentir um calor muito forte. Aí, sentiu medo da “**e-va-po-ra-ção**”.

– Será que ela poderia mesmo ficar tão levezinha ao ponto de se tornar **vapor** e ser levada pelo ar, voltando a ser **nuvem**?!

– Não! Preferia, mil vezes, enfrentar o desconhecido: será que vou ser consumida por esta areia fofa? A-de-us! E jogou-se no chão.

Sssssssssssssssssss.

A vertigem tomou conta de seu corpo. Bâ Pluf! A terra chupou a gotinha rapidamente e tudo escureceu ... Seria o fim? Que nada! Sentiu um friozinho gostoso...e viu que existiam centenas, milhares de gotinhas debaixo daquela terra.

– Amigas, o que é isso? É água de verdade? – perguntou, gritando.

– Claro, colega. Bom dia! – respondeu Outra gotinha. Agora você é parte de um **lençol subterrâneo**, uma espécie de lago debaixo da terra. Nossos destinos são incontáveis: podemos alimentar as plantas, nos tornar poços, rios e lagos, e sempre matar a sede do ser humano.

– Oi, eu sou a Grandona! – gritou uma outra gota, que se apresentou; e continuou: Eu já fui corpo e depois me tornei leite materno. Rá, rá, rá! Nutri um bebezinho lindo!

A Gotinha agitou-se: Um destino legal. Nobre mesmo! - pensou.

– Daí eu virei xixi! – concluiu a gota Grandona.

– Puxa... Que pena! – exclamou a Gotinha.

– Pena que nada! – ponderou Grandona – Todas vivemos indo e vindo; é bom estar no céu, voltar à terra, em vários locais. É o **Ciclo da Água**.

– Eu adoro ser vapor, ver tudo lá de cima, depois, me unir a milhares de gotas e sentir a **nuvem** pesar até virar **chuva**. Melhor se cair no Nordeste, alegrando o povo – continuou.

– Mas, não é fácil – advertiu a Outra gota – A maioria das gotas de chuva cai diretamente no mar. Outra parte considerável cai nas florestas e acaba virando vapor, que vai chover em regiões bem longe, levado pelo vento.



– E quando a gente cai nas cidades há muito perigo de **poluição**; nas **enxurradas**, a água corre por cima do lixo e de tudo o que não presta nas ruas, vai levando e lavando essas coisas. Absorve a sujeira e fica poluída, imunda – continuou Outra.

– É muito perigoso porque, quando a contaminação é grave, a purificação se torna difícil. E é aí que muitas gotas perdem sua memória ou parte dela – comentou Grandona.

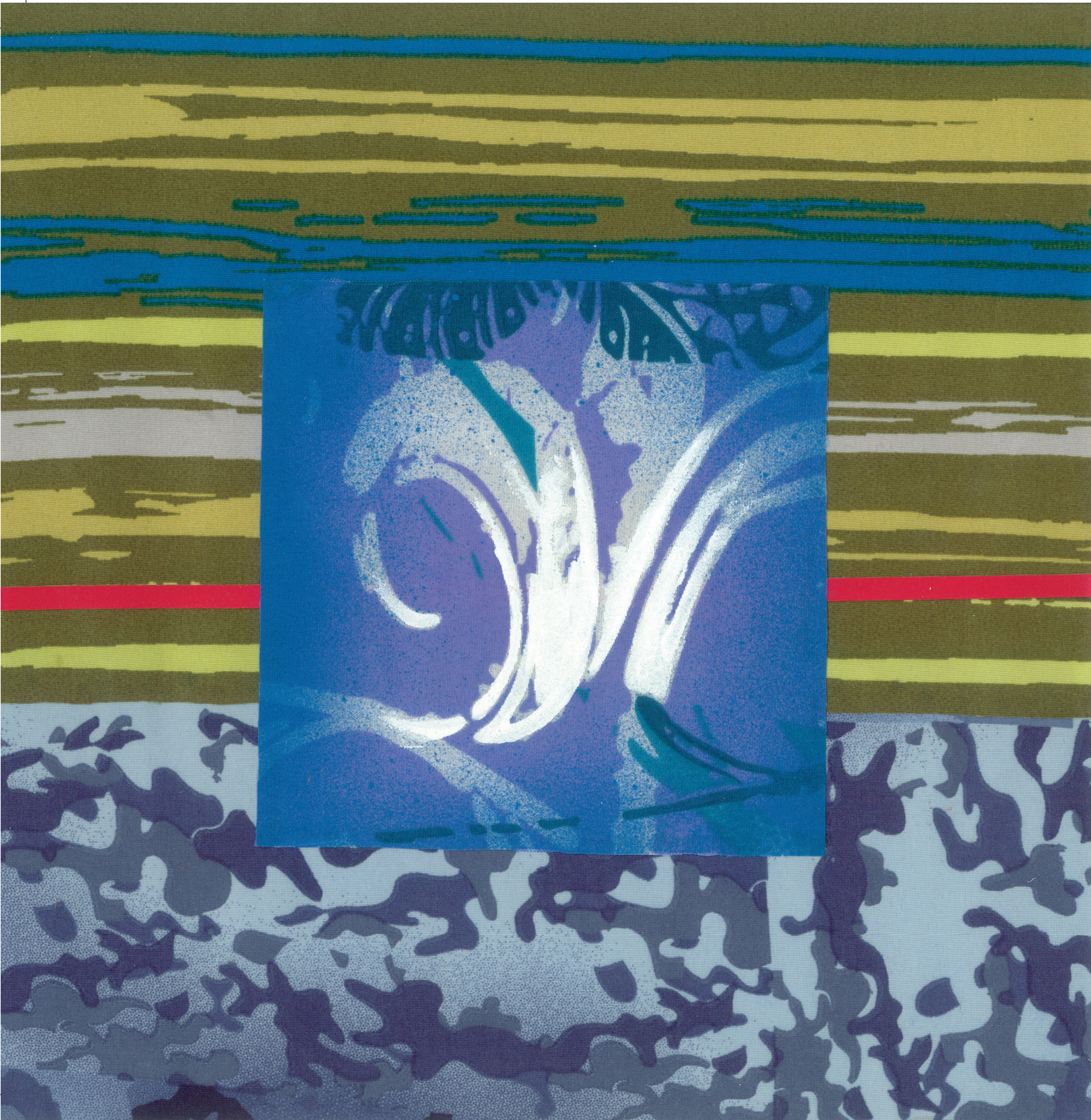
– O quê?! – gritou Gotinha. – Então eu não sou novinha em “folha”? Milhares de gotinhas riram alto.

– Não, querida! Desde a separação entre terra e água, a quantidade de água é a mesma. Só os usos é que mudam, a poluição aumenta e o desmatamento torna a água cada vez mais difícil em muitas partes do planeta. Mas, não se entristeça, eu vou te contar tudo o que sei e que já passei; aí teremos as mesmas lembranças e duas vezes mais chances de contar nossas histórias às gotas esquecidas – concluiu Outra.

– E eu não posso fazer nada para evitar a poluição? – indagou Gotinha.

– Infelizmente não. Os humanos é que precisam aprender a **preservar**. E, com a água **potável** ficando mais difícil, foram feitas leis que obrigam as pessoas a ter mais cuidados. Muita gente, principalmente as crianças, estão começando a preservar. Muito importante também é dar **destino correto ao lixo e ao material reciclável** – disse Outra.





– Por que a água é mais difícil? Você não disse que é a mesma quantidade desde o começo? É por causa da poluição, não é? Eles não podem usar água poluída – lembrou-se Gotinha.

– Também, a poluição mexe com todo o planeta. E o desmatamento, diminui as chuvas. É uma espécie de para-raios ao contrário: quanto menos árvores, menos chuvas, mais calor e evaporação. Aí, as águas se concentram em alguns pontos da terra, e outros ficam cada vez mais secos – explicou.

Bruuuuuuuuuuu...

– Amiga! Você está sentindo isso? Estamos nos movimentando. Parece que cada vez mais rápido! – observou Gotinha.

– Deve ter sido perfurado um poço, ou, estamos nos aproximando de uma **nascente**... de qualquer maneira, estamos subindo, vamos ficar juntas! – sugeriu.

– Oba! Uma nascente! Deve ser muito legal – alegrou-se Gotinha.

– Se a nascente for preservada, será muito legal. Agora, é preciso saber que isso só ocorre porque, acima de nosso lençol, há cuidados certos com a mata. Isso faz com que a chuva penetre o solo e nos guarde aqui embaixo da terra. Se a água escorre depressa, sem entrar na terra, adeus **lençol freático**! E adeus nascente, também! – explica Outra gotinha.





– E tem mais: quando há desmatamento ou terra toda pisada pelo gado, plantios bagunçados, agricultor fazendo queimada, isso vai ameaçar a nascente. – continuou.

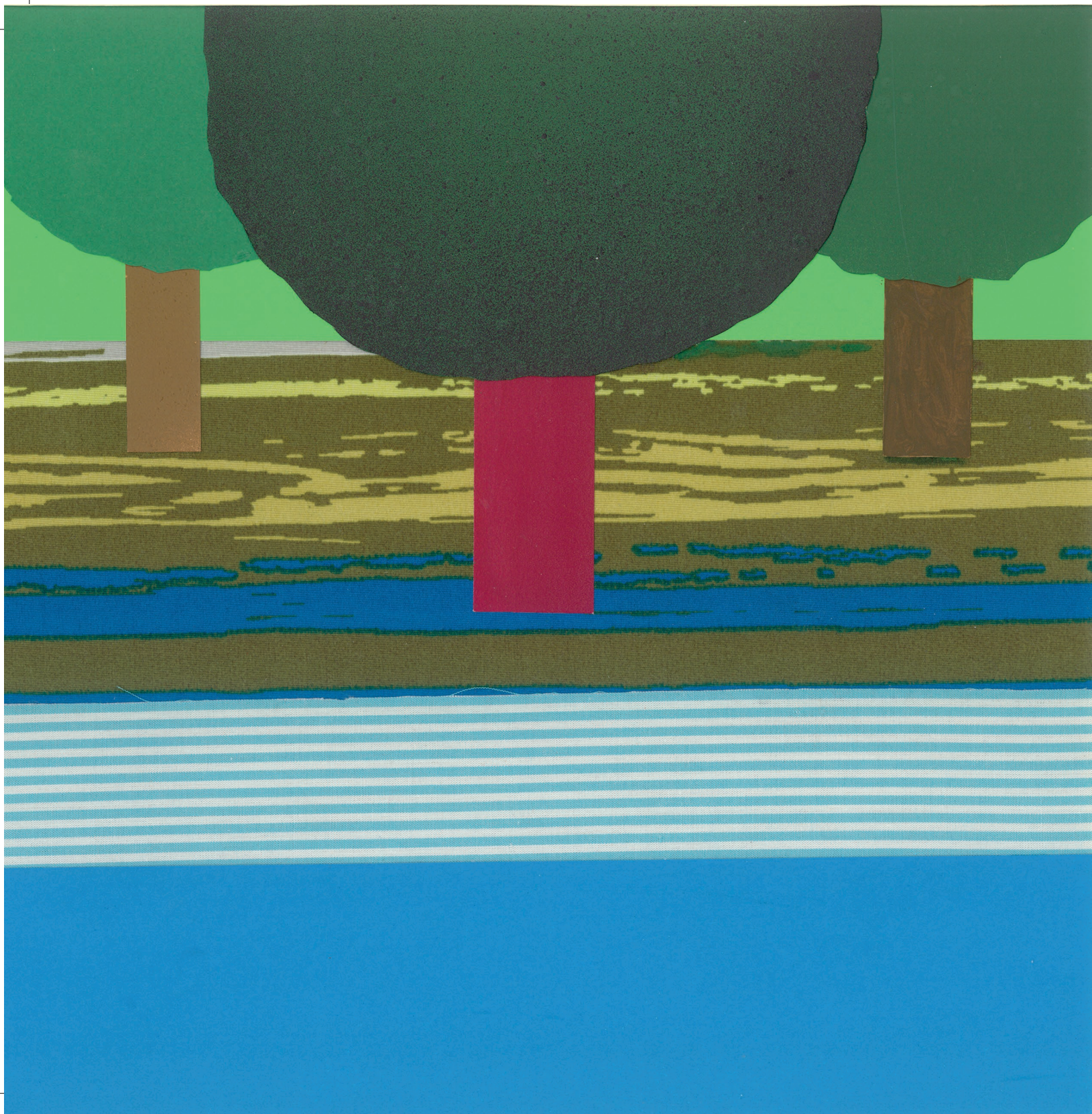
– Pior é se houver uso de **defensivos agrícolas** e **adubos químicos**, pois **poluem** a água e podem envenenar tudo. – concluiu Outra.

– Que horror! Deus me livre! Por que eles fazem isso? Descuido, lixo e até venenos... E todos os seres, sejam homens, bichos ou plantas, tudo o que é vivo precisa de nós! – grita Gotinha.

– Calma, amiga! Eles não fazem por mal. Eles vão soltando as coisas por aí, descuidados, e nascem os lixões. Tem gente que enterra o lixo; se fosse só o lixo **orgânico**... mas enterram tudo: pilhas, produtos químicos e até o óleo, coisas superpoluentes. A chuva molha tudo e traz o sujo pro lençol freático... – explicou Outra.

– Mas, alguns humanos têm feito muitas coisas boas também: a separação entre o lixo e o **material reciclável**, o **reaproveitamento**, a **reciclagem**, o tratamento dos restos orgânicos, fazendo adubo. Isso vai evitar a poluição. – continuou explicando.

– Bâ bâ bâ ... Estamos saindo na nascente. Olha que linda! É coberta de árvores. Tem até pássaros! Olha um sagui! – gritou Grandona.
– Fiquem juntas, vai dar certo... – e foi desaparecendo.



– Blu, blu glup. – É lindo mesmo; mas é uma aguinha tão pouca! Bem que você me avisou! – constatou Gotinha. Mas, pelo menos aqui a gente está sempre bem cuidada... – continuou, animada.

– Psiu! Eu quero ouvir o que os humanos estão conversando – disse a Outra. – E fez-se um longo silêncio... – Oba! Eles estão dizendo que são produtores de água!

– Mentirosos! Você acabou de dizer que a água é sempre a mesma, a chuva é que nos produz. – tagarelou Gotinha.

– Gotinha, deixe de ser apressada. – interrompeu Outra. – Os Produtores de Água fazem parte de um projeto que incentiva agricultores a trabalhar de bem com a água e a plantação, para criar um jeito das águas se juntarem, formando aquíferos e preservando as nascentes. Entende? – foi dizendo a Outra.

– Eles não usam esses **agrotóxicos**, nem cortam as grandes árvores, produzem grãos sem estragar o ambiente e ainda usam formas para a água correr mais devagar e penetrar mais no solo. Além de manterem a **mata ciliar**...– continuou explicando.

– Mata ciliar! Isso eu sei o que é, viu bichinha? É manter as margens do rio com as plantas e capins, para que a terra não corra junto com a água e caia no córrego, entupindo tudo na enxurrada. Isso é mata ciliar: a vegetação protegendo o rio, desde a nascente até o fim, a **foz** – apressou-se Gotinha.

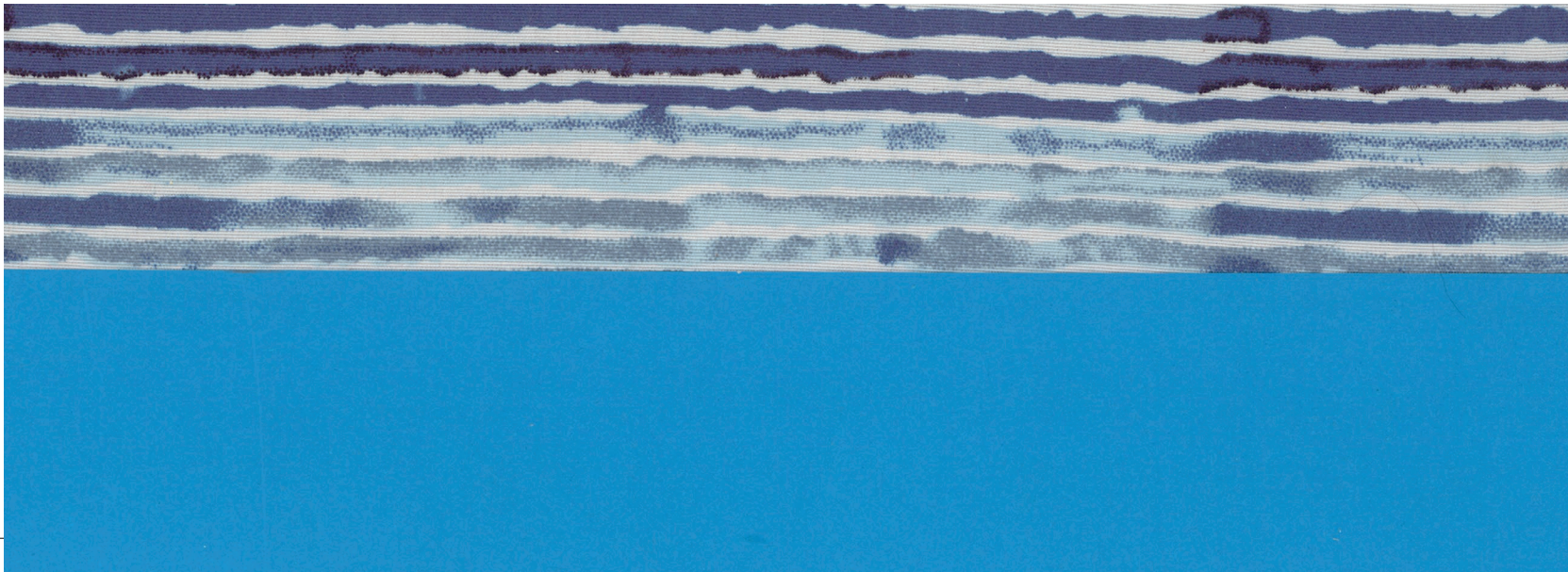
– Você não perdeu toda a sua memória, não é Gotinha? Tá vendo como de algumas coisas você se lembra bem? E de lixo jogado por aí, você se lembra?

– Eu sei é que nessa mania de jogar as coisas no lixo, sem cuidado, que a gente se ferra. Jogam óleo nos rios e riachos. É a morte! É a morte! Xô, Aff! – gritou.

– Calma, amiguinha, muita calma! – acalmou Outra – Não sofra! É capaz de você ter sido poluída por óleo, daí esse pânico. As crianças estão promovendo uma campanha aqui entre as famílias e restaurantes para guardarem o óleo usado pra fazer sabão ou doar a quem **recicla**. E acrescentou:

– O **Comitê de Bacia** daqui até já está espalhando essa ideia!

Gotinha, já aliviada, foca sua atenção no projeto que o Comitê de



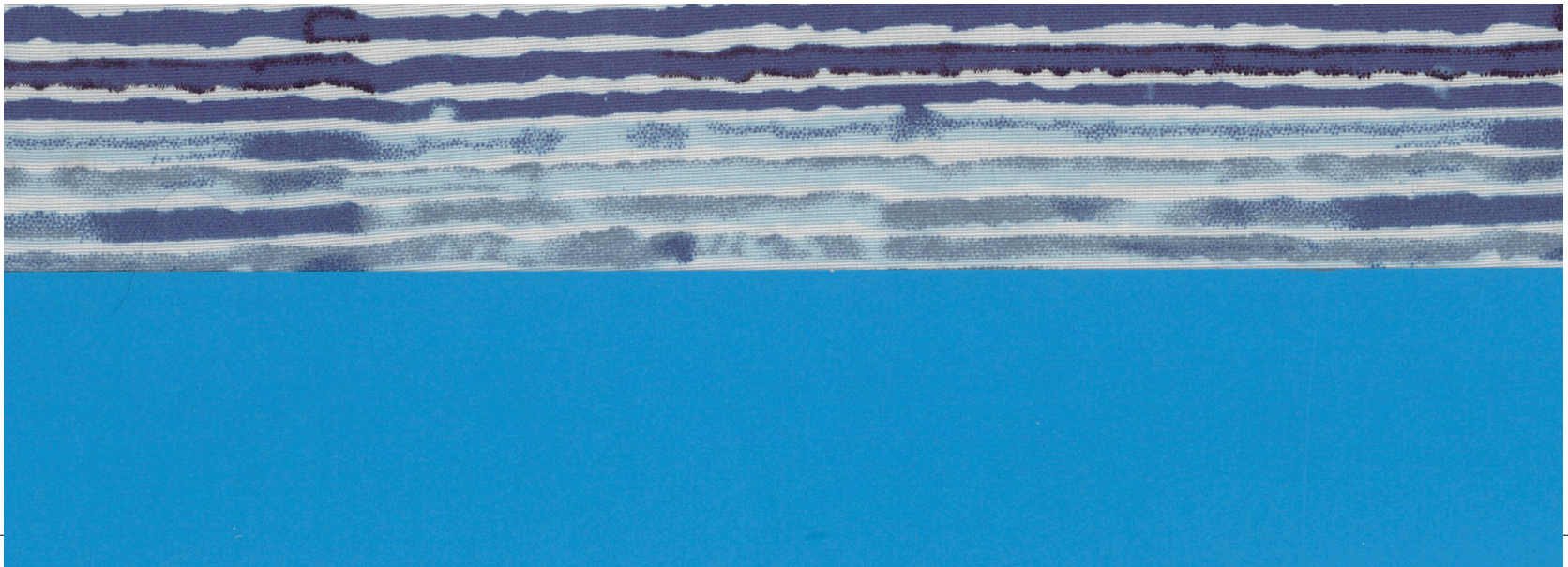
Bacia está apoiando.

– Muito legal! As coisas boas sempre começam pelas crianças. – pensou. Esse tal de Comitê foi copiar justo uma boa ideia das crianças da escola! – observou.

– E como este Comitê atua? De onde ele veio? – perguntou.

– Foi a lei dos homens que criou o Comitê de Bacia. Todos os que usam a água de **uma bacia hidrográfica** se reúnem para decidir sobre como guardar a água e controlar seus usos, ou seja, quem pode usar e o quanto pode pegar. O mais importante é a água de beber, para gente e bicho também – explicou Outra.

– Eu já estive num **açude** onde o pessoal só falava no Comitê de Bacia. Eram pescadores, criadores de peixe, agricultores que tinham terra antes e depois do sangradouro (que é a mesma coisa de vertedouro da barragem) – afirmou Grandona.





– Realmente é muita gente usando a água para coisas diferentes. Eles não brigam quando a **barragem** vai baixando? – perguntou Gotinha.

– É para isso que serve o Comitê. Lá está o pessoal do governo, que tem como abrir ou fechar a **comporta** do açude, também os representantes do governo que vão distribuir e cuidam para que a água chegue às casas e povoados...

– Eles se reúnem com pescador, criador de peixe, agricultor; uns dizendo que o açude está baixo e não podem criar peixe e outros querendo que solte a água para irrigar as suas plantações – explicava Grandona.

– E como o Comitê resolve isso? – perguntou Gotinha.

– Todos falam, e os técnicos fazem os cálculos: quanto de água tem, e quanto se pode soltar sem prejudicar uns aos outros. Em primeiro lugar, a água de beber, seja pra gente ou seja pra bicho; depois os que vão trabalhar com aquela água. – respondeu Outra.

– Aí chegam à conclusão do quanto pode ser despejado no leito do rio, para agricultura e **abastecimento** das cidades ribeirinhas. E ainda discutem sobre preservação dos açudes, lagoas e da água subterrânea, como nós, que estávamos debaixo da terra. – continuou.

– Entendi. Esse Comitê de Bacia é importante! Eu só sei que, para não faltar, tem que poupar. Usar pouca água nas coisas que os humanos





fazem todo dia, como tomar banho, lavar roupa... E não deixar torneira nem nada vazando, todos esses cuidadinhos pequenos e importantes – disse Gotinha.

– Pelo jeito, como a gente está andando depressa, eu acho que vamos chegar logo num outro **manancial**. A gente já se juntou com quatro **córregos**, estamos engordando. – observou a outra. – Estamos chegando ao lago. Ouço até o barulho dos banhistas.

– Rá, rá, rá!. Joga! ... Tibum! Cuidado menino! – ouviu-se.

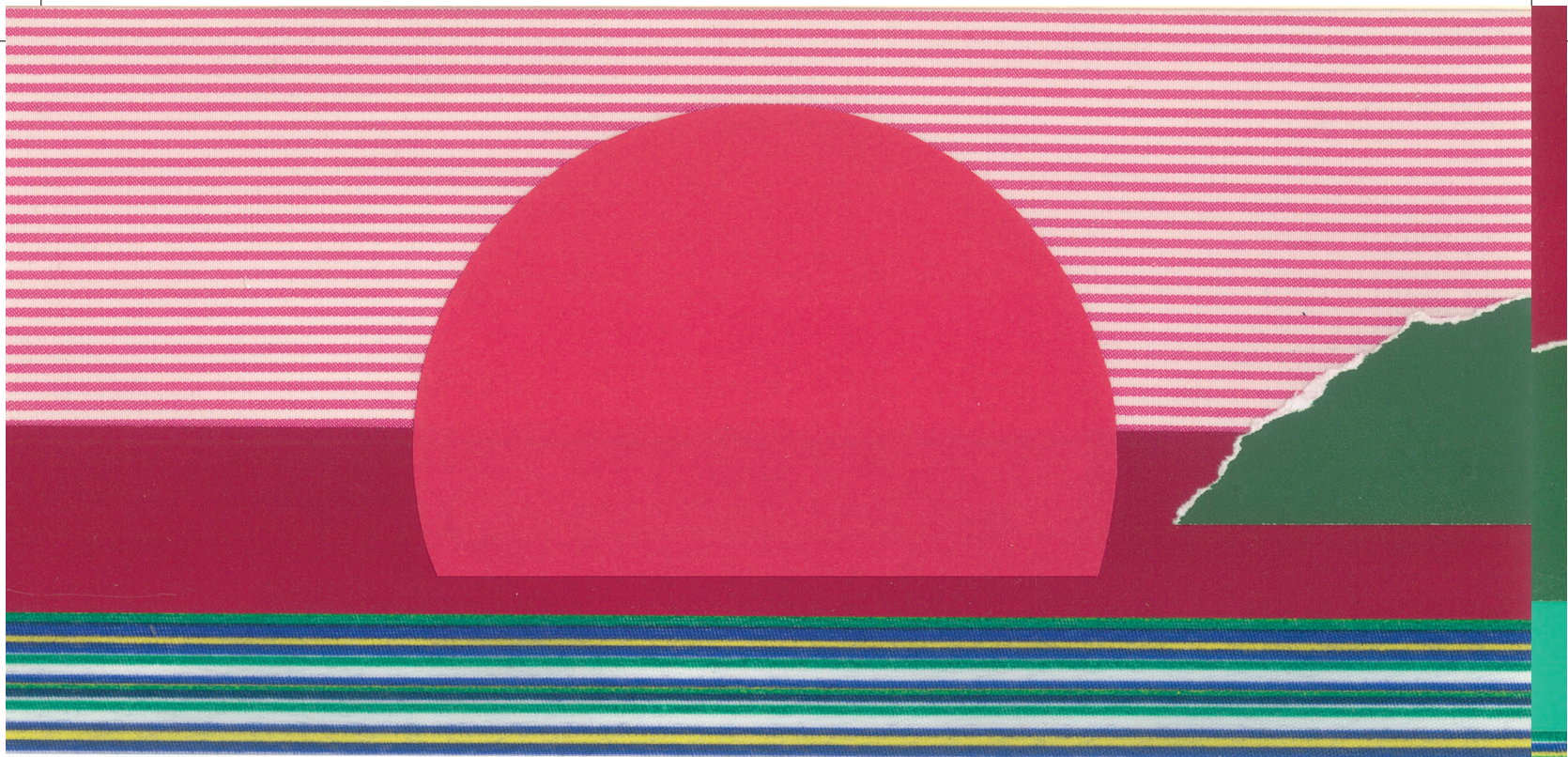
– É um lugar de felicidade! Este povo se diverte por aqui! – gritou Grandona. Era um grande açude, como tinha previsto Outra.

– Que lugar bonito! Nós vamos ficar aqui? – perguntou Gotinha.

Gotinha tentou e conseguiu ficar mais perto das pessoas. Ela e Outra se calaram, ouvindo a conversa dos banhistas. Era uma alegria...

A Gotinha pensou no quanto aprendera num só dia e procurou Outra para conversar. Aí, viu que ela estava no ombro de um menino que acabava de sair da água e ia embora junto com o pai.

– Amiga, caia! Senão você vai evaporar! – gritou Gotinha.



– Eu já vou! Vou ser nuvem de novo. Não se preocupe! É o *Ciclo da Água*. Não estou poluída, vou guardar você na memória. Adeus! – respondeu Outra.

– Adeus a-mi-gaaaa! – gritou Gotinha quase a chorar. E falou para si mesma: nunca vou esquecer você! Mesmo que eu perca mil vezes algumas memórias... porque você está no meu coração!

– Um dia – pensou, vou aprender a falar com as crianças! Creio que elas podem ajudar, de verdade, a cuidar da água. Eu já vi que tudo de bom que se faz por aqui começa com elas. E sorriu.



Governo do Estado do Ceará

Elmano de Freitas da Costa

Secretaria dos Recursos Hídricos

Fernando Matos Santana

Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos

Yuri Castro de Oliveira

Companhia de Água e Esgoto do Ceará

Neuri Freitas

Equipes Envolvidas

Coordenadoria de Gestão dos Recursos Hídricos - CGERH/SRH

Carlos Magno Feijó Campelo

Célula de Articulação com o Usuário - CEART

Márcia Soares Caldas

Assessoria de Comunicação/SRH

Marina Filgueiras Rebouças

Programa de Educação Ambiental do SIGERH

Elaboração

SRH – COGERH – FUNCEME - SOHIDRA

SEMA – CBH-RMF - SEDUC

Agradecimentos pelo empenho e trabalho

Priscila da Silva Nascimento (ASCOM/SRH)

Cléa Rocha Rodrigues (GEMET/COGERH)

Henrique Silvestre Mendes (ASCOM/COGERH)

Priscila Holanda (SEDUC)